

A TETRARQUIA E O EGITO NO SÉCULO IV: AS CUNHAGENS DE DIOCLECIANO E A FAMÍLIA CONSTANTINIANA

Claudio Umpierre Carlan

RESUMO: Esse texto procura esclarecer o conturbado período da Tetrarquia e as reformas administrativas que vão culminar com a ascensão de Constantino, considerado por muitos como herdeiro político dos tetrarcas. Com fonte principal utilizaremos as moedas de Diocleciano, Maximiano e da Família Constantiniana. Ambas pertencentes ao acervo do Museu Histórico Nacional / RJ. A moeda estruturalmente ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e definia ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia.

PALAVRAS-CHAVE: Numismática, Estado, Iconografia, Roma, Império

INTRODUÇÃO

A importância estratégica do Egito sempre despertou o interesse de inúmeras civilizações. Sua hegemonia econômica chegou a um ponto que, durante o principado de Augusto (63 a.C. – 14 d.C), nenhum membro do Senado poderia visitar a região sem autorização do próprio Imperador. Decisão essa, considerada impar na Historiografia Romana.

Nesse período, Caio Céstio Epulião, senador durante o governo de Augusto, membro de um grupo de sacerdotes denominados *septemvir epulonum*, construiu um túmulo piramidal na estrada para Óstia. Mais tarde, a estrutura foi incorporada a muralha de Aureliano (214-275), junto ao porta Ostiense. Durante o governo de Honório (384 – 423), ocorreu uma reforma no portão principal e passou a ser chamado de Portão São Paulo, preservando a “pirâmide” de Caio Céstio. Hoje, localizada na avenida que liga a porta principal a Basílica de São Paulo.



Pirâmide de Caio Céstio ao lado do Portão São Paulo, Muralha de Aureliano, Roma. O Imperador Honório, final do século IV, construiu as torres circulares. A abertura entre a pirâmide e o portão, foi realizada por Mussolini, na década de 1930, para construção da atual avenida. Foto Cláudio Umpierre Carlan, agosto de 2007.

A Tetrarquia e o “Renascimento” do Império

Durante a Tetrarquia (285-305), Diocleciano (244 – 311) retoma a política de Augusto, estabelece o controle sobre o Egito, sendo coroado Faraó e impedindo uma série de usurpações. Essa mutação política está representada nas cunhagens monetárias do período, apresentando o Imperador como faraó, legitimado pelas divindades egípcias.

Desde o principado de Augusto, nenhum membro do Senado poderia entrar no Egito, sem a permissão do Imperador. As colheitas no Nilo deram ao Egito a função de “celeiro do mundo antigo”. Caso um usurpador conseguisse conquistar os campos egípcios, todo o Império seria afetado. Afinal, segundo o historiador romano do século IV, Vegésio, *a fome mata mais que a espada*.

Como corpus principal, analisaremos uma série de moedas de bronze cunhadas em diferentes casas monetárias, durante os anos de 295 - 350. Nessas peças identificamos a presença de uma simbologia comum aos antigos egípcio.

As fontes numismáticas aqui estudadas, pertencem a coleção do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, maior acervo da América Latina. Importante documentação arqueológica ainda pouco explorada.



Descrição da moeda:

Número de ordem: 2

Denominação: tetradracma, segundo Catálogo de Davis Sear.

Ano / Local: 296, em Alexandria

Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: MAXIMIANVS NOB CAES

Reverso: SEM LEGENDAS E EXERGO (LINHA DE TERRA)

Descrição e decodificação da iconografia:

Busto à direita de Maximiano, membro da Tetrarquia, Imperador do Ocidente e companheiro de armas de Diocleciano. No anverso, a legenda indica Maximiano como *nobilíssimo César*. Título exclusivo da família imperial romana, a partir do final do século III. No reverso observamos a representação de uma águia, rainha das aves, encarnação, substituto ou mensageiro do fogo celeste. Segundo Chevalier, não existe nenhuma narrativa ou imagem, histórica e mítica, tanto em nossa civilização, quanto em outras, que a águia não acompanhe (CHEVALIER e GHEERBRANT: 1982, p.22). Emblema imperial de César e Napoleão. Símbolo do imperialismo e da conquista. Nessa representação, crava suas garras em solo egípcio.

A estrela representa a legitimação de Augusto como sucessor de Júlio César, seu tio-avô, assassinado no Senado. Segundo Suetônio, seria um cometa ou estrela cadente, que Augusto viu aos céus. Uma aprovação divina reconhecendo ele como herdeiro político do tio. As letras gregas identificam a casa monetária de Alexandria.

Depois do ano 300, as moedas serão identificadas pelo exergo ou linha de terra. Espécie de sigla, localizada no reverso (abaixo da imagem), indicando o local e casa

responsável pela cunhagem.

Peça de prata, bem conservada, diâmetro 1,77 mm; peso de 1,10g; alto reverso 10 horas.



Descrição da moeda:

Número de ordem: 9

Denominação: Tetradracma, segundo Sear

Ano / Local: 296, Alexandria

Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: IMP C C VAL DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: SEM LEGENDA \ SEM EXERGO

Descrição e decodificação da iconografia:

Busto à direita, com nome e titulação completa de Diocleciano, *Imperator Caius Velerivs Diocletianvs*. Ísis segurando um escudo, na mão esquerda (simbolizando a proteção), acompanhada de uma fênix na mão direita (renascer, ressurgimento das cinzas de um novo Império). À esquerda do observador os símbolos do Alto e Baixo Egito. Notamos a presença de azinhavre, camada verde de hidrocarbonato de cobre, que se forma em objetos de metal expostos ao ar e umidade. Comprovando assim, a teoria sobre a baixa qualidade da prata no século IV, um dos principais motivos da inflação no período.

Peça de prata, bem conservada, diâmetro de 1,8mm; peso 1,08 g; alto reverso 10 horas.

A fênix, segundo os relatos de Heródoto e Plutarco, é um pássaro mítico, etíope dotado de extraordinária longevidade, que tem o poder, depois de se consumir numa fogueira, de renascer das cinzas. Aparecendo os aspectos simbólicos: ressurreição e imortalidade. Ela organiza um ninho de vergôntes perfumadas, seu calor queima.

A partir de Orígenes (185 – 254), torna-se um pássaro sagrado para os cristãos. A vontade de sobreviver, triunfo da vida sobre a morte. Ressurreição e imortalidade, reaparecendo em um mesmo cíclico.

Durante a Idade Média, está associada a ressurreição de Cristo, a natureza divina, enquanto que o pelicano a natureza humana. Um símbolo do amor paternal que, segundo a tradição, alimentava os filhotes com a própria carne e o sangue.

No Antigo Egito, estava ligada as revoluções solares, associada a Heliópolis, ao ciclo do sol e das cheias do Nilo. Aguarda o morto depois do julgamento das almas (psicostasia). Segundo a crença islâmica, só pode pousar na montanha QAF, centro do mundo (CHEVALIER, GHEERBRANT: 1997, p. 421 e 422).

O escudo, é o símbolo de uma arma defensiva, embora possa ser mortal, dependendo da maneira como for utilizado. O material que o compõe, couro ou metal, está associado aos forças mágicas, dos deuses e natureza. Muitas vezes representa o universo, como se o guerreiro coloca-se o cosmo contra seu adversário.

As forças figuradas estão presentes, o couro, o metal, como no escudo de Aquiles: o céu, mar e a terra (lema dos Fuzileiros Navais Brasileiros). Tudo que se perde ao morrer e ganha ao triunfar (arma psicológica que ajudou a Perseu derrotar Medusa).

Durante a Irlanda medieval (influência celta), foram associados os escudos animais fabulosos (mais tarde aos brasões familiares e a heráldica). Considerado como o elemento decorativo mais importante nos salões da nobreza.

Não foi por acaso que Constantino I, o grande, ordenou que seus soldados pintassem as iniciais da palavra Cristo (PX), em seus escudos, na vitória contra Maxêncio, 312. No renascimento, foi atribuído a ele a virtude da força, da vitória, contra os vícios (CHEVALIER, GHEERBRANT: 1997, p. 387 e 388).

Já o broquel, pequeno escudo circular, preso ao antebraço, era bem mais ágil. Seu uso se popularizou na Europa dos séculos XV e XVI.

CONSTANTINO E A DINASTIA CONSTANTINIANA

Uma das principais alterações políticas durante o século IV, foi o progresso de uma ideia dinástica. Nesse período ocorreram menos desordens do que nos anteriores. Efetivamente após ter conhecido uma dinastia constantiniana e uma valentiniana, o século V conhece uma dinastia teodosiana. Houve também uma tentativa de ligação entre elas, uma espécie de elo familiar.

Ou seja, uma linha sucessória direta: Constantino (272 – 337) pensou nos seus sobrinhos e Valentiniano I (321 – 375) associou-se a seu irmão Valente (328 – 378). A ideia familiar foi suficientemente forte para que, de uma dinastia a outra, se procurasse criar um laço, através do matrimônio. Valentiniano casa o filho, Graciano, então como dezesseis anos, com a neta de Constantino, de treze anos. E Teodósio (347 – 395), por sua vez, desposou a filha de Valentiniano. Usando o sistema de aliança comum no Egito Faraônico, influenciando diretamente nos futuros reinos medievais.

Nas cunhagens romanas do período notamos claramente esse papel de legitimação do poder real, através de uma forte carga simbólica, ligada ao passado. Época do apogeu do Império.

Como podemos notar nas moedas analisadas abaixo:

1 – Moeda de Constâncio II

Descrição da moeda:

Número de ordem: 45

Denominação: AE centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 348 e 350, em Tréves.

Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso:

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / TRP

Descrição e decodificação da iconografia:

O anverso encontra-se em ótimo estado. O busto de Constâncio II (317 – 361), filho e sucessor político de Constantino, aparece nítida, representando o imperador mais jovem do que em outras emissões, com o diadema de duas pontas e o manto. A representação do reverso, pela sua singularidade, chamou a nossa atenção. A figura de uma fênix sobre um pedestal ou rocha (segundo o RIC, ROMAN IMPERIAL COINAGE), tendo a sua cabeça circundada por uma auréola ou estrela, para indicar a sua natureza celeste. Tanto a auréola como a fênix tem um significado especial.

No exergo TRP, referente a Tréves (Trier).

Observações da Peça:

Peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada(MCB), de diâmetro de 1,07 mm, peso de 2.38g, alto reverso 12 horas,

Existe apenas outra variante desta peça na coleção, que está com o exergo ilegível (FUNARI, CARLAN: 2007, 88).

2 – Moeda de Constâncio II

Número de ordem: 11

Denominação: AE ½ centenionalis

Ano / Local: cunhada entre os anos de 340-348 em Roma.

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: FEL TEMP REPARATIO / RQλ

Descrição e decodificação da iconografia:

No anverso aparece o busto de Constâncio, face voltada a direita do observador, com o diadema de duas pontas, o manto imperial preso aos ombros. Imagem nítida, mas a parte superior esta faltando (quebrada), atingindo a legenda DN CONSTAN (TIVS PF) AVG. No reverso, a imagem representa um soldado ou legionário romano (ou o próprio imperador)

derrotando um inimigo. Este pedindo misericórdia, com escudo ao solo. Em outros exemplares notamos tratar-se de uma representação de um inimigo persa, pois o uniforme estava mais destacado. A riqueza dos detalhes, como escudo, a lança, a espada do vencido caindo ao solo, o escudo sendo pisoteado pelo vencedor demonstra a importância em destacar tal fato. Na legenda FEL TEMP (REPA) RATIO, e o exergo de uma das várias casas de cunhagens romanas RQλ (FUNARI, CARLAN: 2007, p.101).

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada(BC), de diâmetro de 1,3 mm, peso de 2.77g, alto reverso 10 horas,

Existem 68 variantes desta peça na coleção, dos mais variados centros monetários.

3 – Moeda de Constantino I

Descrição da Moeda:

Número de ordem: 23

Denominação: AES

Ano / Local: cunhada entre os anos de 347-348 em Antioquia.

Anverso: DV CONSTANTINVS PF AVGG

Reverso: SEM LEGENDAS / SMANT

Descrição e decodificação da iconografia:

Busto à direita com véu, de Constantino divinizado, cunhado após a sua morte em 337. O véu identifica que a pessoa representada está morta. No reverso, o próprio imperador, conduzindo uma quadriga em marcha, encimado por um pássaro. Uma mão divina, vinda do sol (Deus Sol Invictus, culto solar que Constantino e seu pai, Constâncio Cloro, 250 - 306, eram adeptos), apressa em recebê-lo. No exergo ou linha de terra, SMANT, referente ao primeiro grupo de cunhagens, da segunda casa monetária de Antioquia, décima quinta oficina (CARLAN: 2007, p.214).

A quadriga, guiada pelo auriga, representa um escravo fiel, hábil na destreza com os

cavalos (trevas do mundo cotidiano). É o símbolo da calma, do autodomínio, da dominação das paixões. Representa a razão, simples movimento, recoloca os homens na linha, equilíbrio e sabedoria (CHEVALIER, GHEERBRANT: 1997, p.100 e 101). Como notamos na representação do carro de guerra de Tutmés III, faraó da XVIII Dinastia (governou de 1479 – 1425 a. C.). O soberado arremessa flechas contra seus inimigos ao mesmo tempo que controla seus cavalos.

Peça de bronze, estado de conservação bem conservada(BC), de diâmetro de 1,44 mm, peso de 1,62g, alto reverso 6 horas, Existem 25 variantes desta peça na coleção, nos mais variados centros monetários. Segundo Cohen (COHEN, 1892, p. 177), a legenda DIVO CONSTANTINO AVGS é rara. DV é mais comum. Na reserva técnica do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, encontramos uma moeda com a legenda DIVO, de número 57.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das atribuições da Arqueologia moderna é fazer uma leitura, ou releitura, da iconografia. Analisa –se o papel das imagens na construção do conhecimento histórico e arqueológico. Assim sendo, podemos inserir a moeda nessa última fase, que, durante muito tempo, ficou confinada a reservas técnicas dos museus, sendo apenas um objeto de conservação, não de pesquisa.

Apoiada em uma forte carga simbólica, a iconografia foi amplamente utilizada pelos governantes e aqueles que circundavam a orla do poder. Essas representações identificavam não apenas um homem, mas toda uma civilização.

Em suma, essas imagens configuravam significados, mensagens, do emissor para seus governados. Continham símbolos que deveriam ser entendidos ou decifrados pelo receptor. Uma maneira que, tanto os antigos egípcios, quanto os romanos mais tarde, encontraram de legitimar o seu poder.

Funari identifica a importância dessa documentação imagética, porém tratada com o devido cuidado:

ABSTRACT: The paper begins by discussing political issues relating to the Roman world in the 3rd. c. AD and in the beginning of the 4th c. The paper emphasizes the importance of using a variety of historical sources, such as iconographic, archaeological, and art historical. Using iconographic sources to study a numismatic collection at the National Historical Museum, at Rio de Janeiro, Brazil, the paper aims at studying images as a source for propaganda aiming at justifying imperial rule.

KEYWORDS: Numismatics, State, Iconography, Rome, Empire.

“...Não se trata, assim, de acreditar no que diz o documento, mas de buscar o que está por trás do que lemos, de perceber quais as intenções e os interesses que explicam a opinião emitida pelo autor, esse nosso foco de atenção” (FUNARI: 1993, p.24).

Agradecimentos:

Aos colegas Leandro Hecko e Katia Teonia, pela oportunidade de trocarmos ideias; a Pedro Paulo Funari, Margarida Maria de Carvalho, Ciro Flamarion Cardoso, Maria Regina Cândido, Maria Beatriz Florenzano, André Leonardo Chevitarese, Vera Lúcia Tostes, Rejane Vieira, Eliane Rose Nery.

A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

Fontes Numismáticas

Moedas dos Imperadores Diocleciano, Constantino I, o grande e Constâncio II. Acervo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, Medalheiro 3, gaveta 19, lâmina 3, fotografadas em março de 2005.

Fontes Impressas

EUSEBIUS PAMPHILI, Bispo de Cesaréa. *De Vita Constantini*. V. 7. Lib. I. Leipzig: Texto da Edição I. A. Heikel, 1902.

LACTÂNCIO. *De Mortibus Persecutorum*. Paris: Ed. J. Moreau, 1954.

VEGÉCIO. *A Arte Militar*. Introdução de Paulo Matos Peixoto. Tradução brasileira de Gilson César Cardoso de Souza. 1^a ed. São Paulo: Editora PAUMAPE S.A., 1995.

ZÓSIMÉ. *Histoire Nouvelle*. III. 18. éd. Paris: F. Paschoud, 1979.

Catálogos

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.

COHEN, Hernry. *Description Historique des Monnaies.Frappés Sous L’Empiere Romain*. Communément Appelées Médailles Impériales. Deuxième Edition. Tome Septième e Huitième. Paris: Rollim e Feuarent, Éditeurs, 1880-1892.

MUSEU NACIONAL D’ARTE DE CATALUNYA. Guia del Gabinet Numismàtic de Catalunya. Dirigida por Marta Campo. Barcelona: MNAC, 2007.

SEAR, David R. *Roman Coins and Their Values*. 4th Revised Edition. London: Seaby Publications Ltd, 1988.

THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.

Referências

BASTIEN, Pierre. HUVELIN, Hélène. *Trouvaille de Folles de la Période Constantienne (307-317)*. Belgique: Éditions Cultura Wetteren, 1969.

CARLAN, Cláudio Umpierre. *Configuração Social, Política e Econômica da Civilização Egípcia*. Revista Eletrônica www.historiaehistoria.com.br. Campinas: Unicamp, março de 2009.

CARVALHO, Margarida Maria de. *Gregório de Nazianzo e a Polêmica em Torno da Restauração Pagã de Juliano*. In: SILVA, Gilvan Ventura. MENDES, Norma Musco (org.). *Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. “O Outro Lado da Moeda” na Grécia Antiga. In: “O Outro Lado da Moeda”. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu e CARLAN, Cláudio Umpierre. *Arqueologia Clássica e Numismática*. Coleção Textos Didáticos n. 62. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Grécia e Roma: vida pública e vida privada*. Cultura, pensamento e mitologia, amor e sexualidade. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Roma: vida pública e vida privada*. 4ª ed. São Paulo: Atual, 1993.